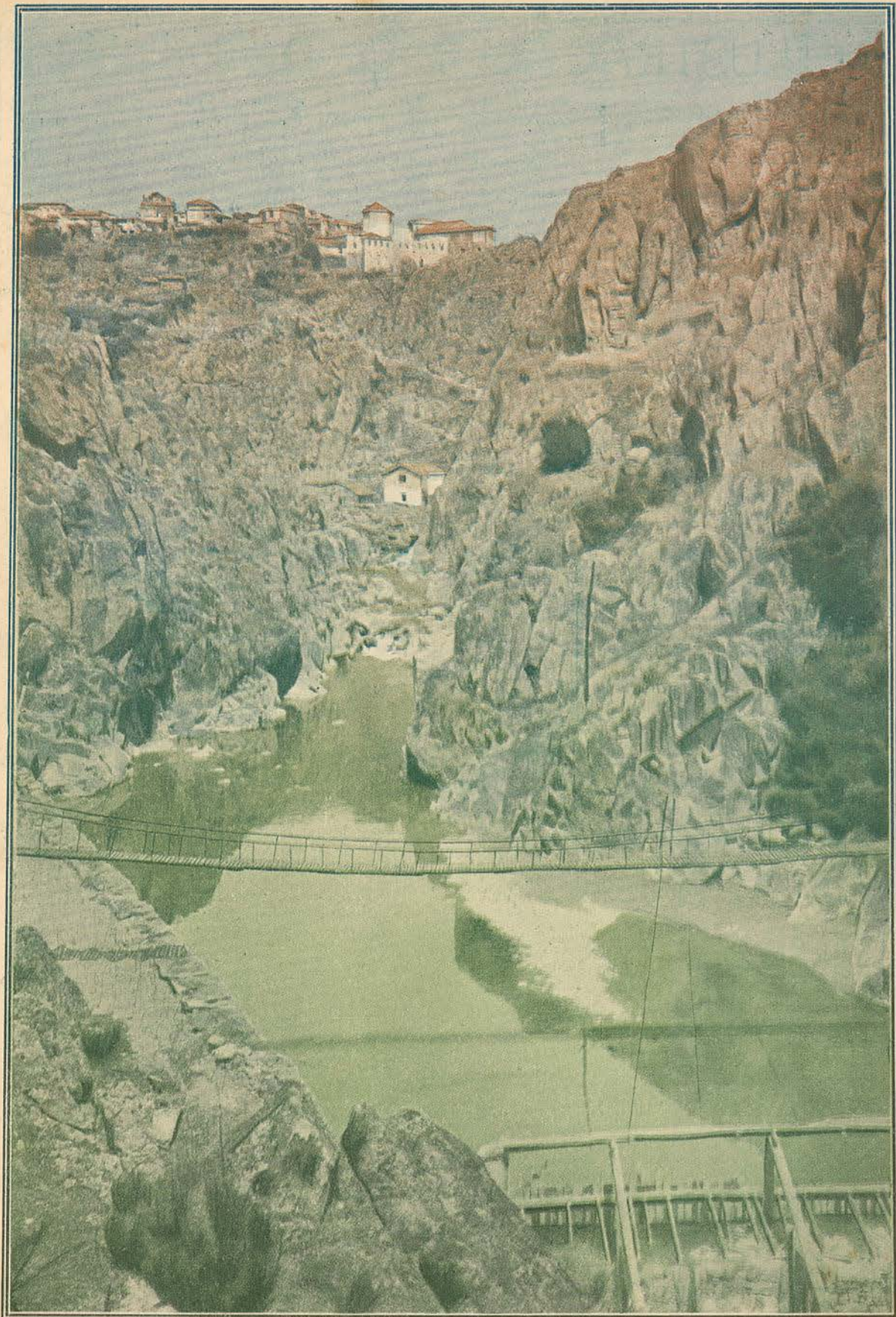




31
Março
1923

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

N.º 893

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SECULO, 40—LISBOA

Numero avulso. 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HES-
PANHA: Trimestre 13\$00. Semest. 26\$00
Ano 52\$00—COLONIAS PORTUGUESAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00.—ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.



As pessoas que visitam Londres encon-
tram no Hotel Cecil justamente o que es-
peram encontrar de um dos hotéis de maior
fama do mundo: Todos os confortos e co-
sinha esmerada. Serviço feito sem ruído e
sem incomodos. Distinção e alegria.

O Hotel Cecil está magnificamente si-
tuado exactamente no centro de Londres,
frente ao rio Tamisa, bem colocado, por
consequencia, quer para tratar de negocios
quer para divertimentos. Tem grandes sa-
lões de jantar, grill rooms, salões aparen-
temente completos emfim, todas as com-
modidades previstas e necessarias em um
hotel moderno.

HOTEL CECIL

LONDON

BEBAM AGUA DE S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Secção Editorial de "O Seculo"

Enciclopedia Popular Ilustrada Porque, como e para que

Colecção de romances ilustrados

Pedidos á administração de O SECULO

A' venda nos logares do costume



Escrituração E contabilidade

Por Correspondência

Peçam os pros-
pectos do Ins-
tituto Naci-
onal de
Ensino por Corres-
pondência, Largo
Trindade Coe-
lho, 6, Lisboa,
e as condições
para a matri-
cula nos cur-
sos nêle profes-
sados.

—Este Instituto
tem alunos em
todo o continente,
Ilhas, Colonias,
Brazil, Estados
Unidos da America,
e outros paí-
zes.

Para o toucador USE O

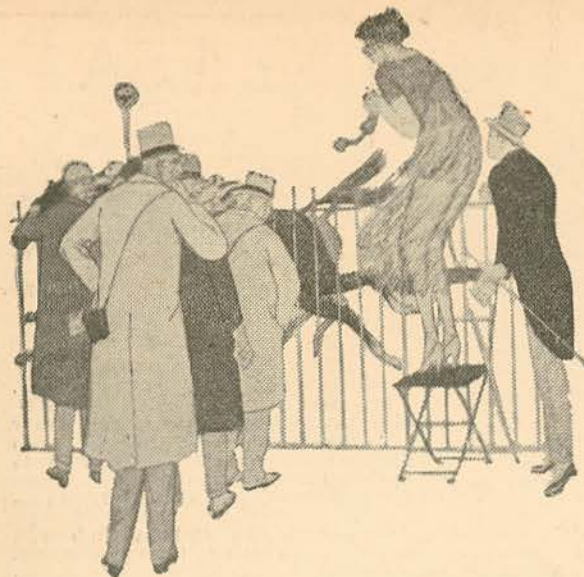
"Restaurador do Cabelo
Trevo", de resultados ga-
rantidos.—Pedi-
dos ao Suplemento de MODAS
E BORDADOS DO «SE CULO»

Vae a Paris???

Não deixe de ir ao Restaura-
TUGAL rendez-vous da coloni: portu-
gueza 167, Rua Montmartre, ao lado
dos grandes boulevards. Proprietario
Barbosa Araujo Cosinha e pastelaria
portuguesa. Os melhores vinhos de
PORTUGAL. Pessoal portuguez. Onde se
come melhor e mais economicamente.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas
officinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA"
Rua do Seculo, 40—LISBOA



Todos o "Sport"

SÃO dignos do maior elogio o Sporting Club de Portugal e o Sport Lisboa Benfica, que, lutando com as enormes dificuldades provenientes da situação do cambio, conseguiram trazer a Lisboa um grupo estrangeiro da categoria do III Besirk T. V. E. Não quer isto dizer que este *team* seja o melhor que entre nós tem jogado, mas, além de na sua linha se apresentarem elementos de incontestável valor na *action*, nota-se um conjunto magnífico e uma correção impecável.

Os jogadores húngaros, que no passado domingo se defrontaram com o *team* Casa Pia Atletico Club, ainda se encontravam extremamente fatigados duma viagem de cinco dias, como o declarou o seu *captain* a um redactor de *O Seculo*, e contudo portaram-se com extraordinária energia. A sua maneira de jogar é que difere muito da nossa, acentuando-se esta diferença no remate. Os húngaros, como aliás já tivemos ocasião de notar quando da estada de outros grupos estrangeiros entre nós, os tcheco-slovacos, por exemplo, não carregam o guarda-redes, costume este, ao que nos parece, puramente peninsular, sendo assim que perdem inúmeras ocasiões de marcar *goals*. Os jogadores do III Besirk T. V. E. rematam mesmo muito longe das redes. Ainda além da correção e lealdade com que os *players* do grupo húngaro jogaram na tarde de 25, não podemos deixar de nos referir a sua excelente colocação. Ao contrário do que por vezes succedeu com a linha do Casa Pia, em que muitos elementos se deslocaram com frequência, os jogadores húngaros procuram estar nos seus lugares, cobrindo os adversários e os pontas sempre nas linhas de *touch* esperando a menor abertura para avançarem.

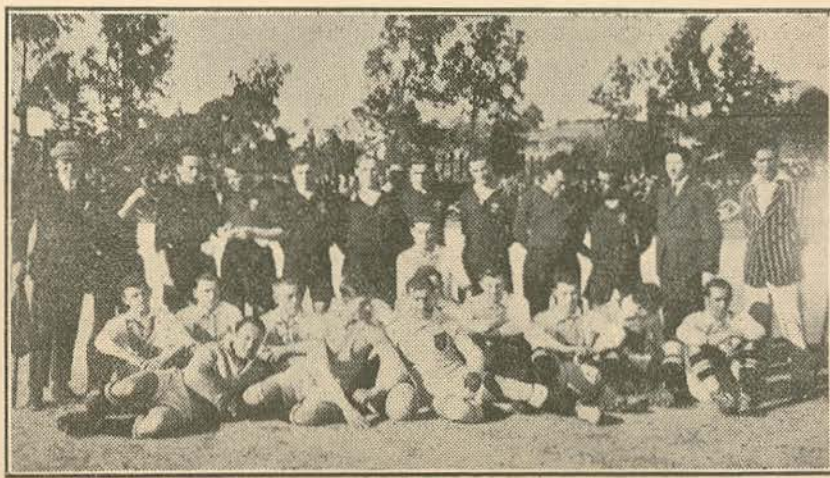
Qualquer destes dois últimos jogadores auxiliou muito o seu grupo, pois, devido à sua boa colocação e optima corrida, foram muito oportunos. O avançado centro e o meio ponta direita são perigosos com os seus remates. A linha de *half-backs* jogou bem, distribuindo o jogo com acerto aos seus *forwards*. Das defesas salientou-se o esquerdo, que mercê do seu forte pontapé, muitas vezes aliviou o campo húngaro. O *back* direito

foi o peor dos jogadores húngaros em campo, pois faliu muito e *shootou* sem direcção. Quanto ao guarda-redes diremos que é magnífico, sem duvida o melhor elemento do *team*. As suas defesas, com um estilo correctissimo, são feitas com enorme serenidade, calculando bem o terreno e mergulhando com extrema dextreza. A sua maneira de apanhar as bolas é segura e enorme a facilidade com que se desembaraça delas, ainda que carregado por varios adversários, como succedeu em dois ataques do Casa Pia. Falámos do *team* húngaro, dediquemos agora um pouco aos nossos homens, que, dizendo a verdade, não estiveram num dos seus dias felizes, muito antes pelo contrario. De todos o melhor foi Loureiro, que não obstante ter tido alguns momentos de descanso produziu bom trabalho. Gralha tambem conseguiu evidenciar-se nalgumas fugas. Lopes e Gomes bastante trabalhadores. Os restantes, incluindo Candido de Oliveira e Pinho, portaram-se abaixo dos seus meritos. Pinho esteve mesmo numa pessima tarde. O guarda-redes Guerra foi um dos peores, pois além de defender fracamente, agarrou mal quasi todas as bolas, tendo, apenas, duas boas defesas.

Ecolhida a bola, o que levou o seu tempo, e dados os *hurrys* do estilo, o jogo começou sob a arbitragem de Jorge Vieira, cabendo a bola de saída ao grupo húngaro.

O dominio do jogo pertenceu de começo aos portugueses, que no entanto não conseguiram marcar, já por falta de remate, já porque a defesa dos húngaros os impossibilitou. Numa das defesas o guarda-redes húngaro calu sendo as redes defendidas com um forte pontapé dum dos jogadores do seu grupo. Aos vinte minutos

o interior direito húngaro enfiou a primeira bola nas redes do Casa Pia, sendo ainda este jogador que dez minutos depois marcou o segundo *goal*. No segundo *half-time*, conseguiu o grupo húngaro mais um *goal* marcado pelo seu avançado centro, terminando o desafio com o resultado de 3-0 a favor do III Besirk T. V. E.



Os dois onzes do III Besirk T. V. E. (equipe branco e azul) e Casa Pia Atletico Club (equipe negra), que jogaram no passado domingo no campo Sporting Club de Portugal. A direita: o jogador Jorge Vieira que arbitrou o desafio

D. C.



CALENDARIO DA SEMANA

Abril—30 dias

- 1—Domingo—Páscoa.
- 2—Segunda-feira—S. Franc. de Paula.
- 3—Terça-feira—S. Pancrácio.
- 4—Quarta-feira—S. Leão.
- 5—Quinta-feira—S. Geraldo.
- 6—Sexta-feira—S. Marcelino.
- 7—Sábado—S. Epifânio.

HABITOS VELHOS... OS PRESENTES DA PASCOA

Els chegadas às festas da Pascoa e com elas a obrigação dos «petits cadeaux» que, segundo o proverbio, fazem bem à amizade.

Os ovos da Pascoa, encantadores, cores simbolicos encerrando avaramente no seu misterio as amendoas saborosas ou o presente original que pretende dar forma ao nosso sentimento. «Cadeaux» modernos, originaes, presentes votivos... Mas que imaginar de subtil, de elegante, de novo?

Talvez que recordando a origem da palavra «cadeaux», o seu sentido etimologico e encantador, alguma idea se nos apresente. Antigamente, um «cadeaux» era uma pequena festa galante organizada em honra de uma senhora. Realisavam-se essas festas nos parques entre a folhagem do arvoredo, com musica e estonteantes canções d'amor.

Molire nos diz como fazer renascer esta simpatica festa: «na primavera, n'um lindo dia d'abril, um grupo de amigos dirige-se a um lindo sítio. Evocando recordações que lhe são caras, em vertigens de sonho, eis que real-am um comovente «cadeaux».

Mas, em geral, nós desejamos oferecer um «cadeaux» mais objectivo, como diz Rognard:

«Je voudrais inventer quelque petit cadeau
«Qui coûtât peu d'argent et qui parût non vnu...»

Eterna preocupação dos corações sensíveis e de recursos modestos!

Feliz coincidência: os novos costumes favoreceram estes desejos. O ultimo capricho sobre a moda actual nestas pequenas coisas que ainda assim não lhe passam despercebidas, é oferecer um bibelot encantador, mas que seja feito pelas mãos delicadas da mulher, ou pelo menos que seja producto do seu bom gosto, do seu espirito culto e requintado. É muito interessante as legendas, as inscrições nestes pequeninos presentes.

O REGIMEN ALIMENTAR

Um ovo de galinha, caldos de farinha sem sal e sem manteiga, uma garrafa d'agua mineral... Tal era o

menú da moda ha pouco tempo ainda. Foi preciso que os medicos combatessem com energia essa maneiira de pensar e declarassem que um pouco de vinho puro e de carne, assim como a fructa madura nunca mataram ninguém, a não ser por abuso, para que a opinião mudasse.

Os gastrónomos abriram club e a época do regimen da fome passou, delimitação. O que não quer dizer que os estômagos delicados deixassem de existir.

Costumamos dizer que pagamos em gastralgias os excessos de nossos paes.

Puro engano! Quantas vezes os nossos antepassados não foram tambem reduzidos à cozinha de regimen. E temos para prova os numerosos formularios antigos, consagrados a este assunto. Uma dessas obras «A cozinha da saúde», na qual colaborou um medico, nos fins do século XVIII teve uma grande voga. O Dr. Jourdan la Cochinhe deixou-nos nesse livro «excelentes conselhos; mostravam-nos com grande severidade os inconvenientes de certos molhos.

MENUS DA SEMANA

Domingo

Almoço
Bacalhau á portugueza
Ovos estroados
Café com leite

Jantar

Sopa de pão torrado
Rabo de boi guisado
com ervilhas
Frango assado com
salada de efíace
Sopa dourada

Segunda-feira

Almoço
Estrozes com ervilhas
Costeletas de carneiro
com salada de batata
Café com leite

Jantar

Sopa de massa
Pastéis de camarão
Frango com ervilhas
Pudim d'ovos

Terça-feira

Almoço
Rim á provençal
Ervilhas com ovos
Café com leite

Jantar

Caldo verde
Arroz de substancia
com salsichas
Carne de porco assada
e couve flor
Pudim de passas

Sábado

Almoço
Lulas á frigateira
Fritas de presunto
com ovos
Café com leite

Quarta-feira

Almoço
Pastéis de peixe
Bife com batatas
cozidas á inglesa
Café com leite

Jantar

Sopa de puré de grão
com espinafres
Filetes de pescada
com salada de efíace
Carneiro assado com
puré de batata
Pudim de marmelada

Quinta-feira

Almoço
Pastelão de carne
Peixe espada frito com
molho louro
Café com leite

Jantar

Sopa de hortaliça
Cozido á portugueza
com arroz
Coecho guisado
com batatas
Pão de to
com marmelada

Sexta-feira

Almoço
Arroz de ameijoas
Peixe espada grelhado
com puré de batata
Café com leite

Jantar

Sopa de peixe
Arroz de peixe espada
e peixe espada frito
Carne assada
com batatas fritas
Pudim de leite

Jantar

Sopa de puré de feijão
Chispe de porco
Savel frito com salada
Pudim de laranja

O Lar



A troca de curiosidade transcrevemos uma receita:

«Potage de santé»—Numa caçarola, lume brando, assar carne de vaca, uma perdiz velha e uma boa galinha até apresentarem um aspecto de tostado. Refrescar com algumas colheres de caldo e em estando pronto o assado, fazer ferver durante duas horas bem coberto de caldo.

«Numa outra caçarola, ao mesmo tempo devem estar a cozer em agua e sal, cenouras, nabos, cebolas, alpo e couve. Em estando bem cozidos estes legumes tiram-se para fóra, bem como a carne, a perdiz e a galinha.

«Serve-se o caldo com pão torrado em quários e a carne, a perdiz e a galinha com os legumes a seguir.

Como se vê esta receita é tanto do século XVIII como de nossos dias.

Regimen? Quando essa palavra é dita por um medico, nunca é ouvida sem uma contracção de aborrecimento, de contrariedade. Vocabulário aterrador, substantivo tirânico, inimigo secular da boa carne segundo a opinião corrente. Mas eu não o julgo assim; a cozinha de regime segundo a opinião de muitos e conceituados medicos higienistas é uma cozinha higienica, baseada em principios sãos e racionais mas não desprezando os de gastronomia. E' portanto, o meio de reunir o útil ao agradável. A maior parte das vezes os preceitos da cozinha higienica não se limitam á introdução da logica na culinaria; os alimentos prescritos tornam-se ao mesmo tempo mais saborosos e mais digestivos, porque a racional goliadice não despreza a simplicidade.

EM QUE POSIÇÃO DORME O LEITOR

Diz o povo que segundo a situação da cama se dorme melhor ou peor. Uns dizem que com a cabeça voltada para o Norte é a maneiira mais saudavel de dormir; outros para o Oriente.

Esta superstição deixa de ser fundada num facto scientifico, pois um medico francês encontrou que outros fenomenos tem efeitos reflexos e de percussão sobre alguns órgãos muito mais fortes que se o doente dorme com a cabeça voltada para o poente. Outras observações scientificas provam que o magnetismo terrestre tem efeitos fisiologicos definidos.

PENSAMENTOS

E' pela educação das mulheres que deve começar a dos «omens»

—O luxo fornece-nos o superfluo para nos privar do necessario.

OS DOIS REGIMENS



Um dos sete pecados mortaes A gula... dos aceptes

As pessoas magras para engordar, tomam remédios...

As pessoas gordas, tomam remédios para emagrecer

Silva Poetica

O MODELO

Bate um raio de sol no friso da moldura
Da naiade a sorrir, além, no cavalete
E de uma pele de urso a imaculada alvura
Desmaia nos festões de rosas do tapete.

Cadeiras de espaldar de gótica escultura
Cercam a mesa; aqui rescende um ramallete,
Ao pé do contador de talha uma armadura,
Estampas pelo chão e sobre o tamborete.

Em vasos do Japão, ao fundo colocados,
Palmeiras tropicaes, de um verde reluzente,
Projectam na penumbra os leques espalmados;

E a mirar-se ao espelho, o palido modelo
Entoa uma romança e vagarosamente
Comça a desmanchar as tranças do cabelo.

O sr. dr. João de Mello Viana, que hoje honra esta página da *Ilustração*, não é um desconhecido do nosso publico. Medico pela escola de Lisboa, depois de 6 annos e pratica nos hospitais de Paris repetiu, ali, o seu curso com exito a favela fundando uma tese de especialidade oftalmologica, que foi premiada. Colaborador muito apreciado de varias revistas de medicina e autor de um trabalho historico, pratico e bibliografico sobre a oftalmologia em França, que foi prefaciado pelo professor Panas. Durante a guerra, prestou preciosos serviços nos hospitais de Paris e escreveu o livro *Em tempo de guerra...* editado em Lisboa, em 1916, por influencia do grande benemerito Luiz Fernandes, recentemente falecido. Livro de luxuosa apresentação e rica e duzida tiragem, que foi vendido em favor das instituições de assistência aos soldados feridos. Reunindo, a uma grande competência profissional, uma larga cultura de espirito e, tambem, poeta de merito, como o provam os versos que publicamos. Ainda como informação interessante, acrescentamos que o sr. dr. Mello Viana está elaborando um patriótico trabalho de propaganda, de grande utilidade, que é o Catalogo Bibliografico das obras escritas em francez acerca de Portugal.

AS CEGONHAS

Em bandos emigrantes, ás centenas,
Prevendo as inverniaes enfadonhas,
As grandes aves brancas e serenas
Vão em busca de plagas mais risonhas,
Cortando o azul do céu num vôo apenas...

Amantes! que nas azas as cegonhas
Levem as vossas penas.

J. de Melo VIANA.



PAGINA

MUSICAL

LE FOX-BLUES

Raoul Moretti

Moderato

al Coda Φ

Φ CODA Φ





Uma Vocação

«Meu bom amigo:»

Se não tiver nada que fazer, venha amanhã almoçar comigo. Ha quanto tempo não nos vemos! Terei o maior prazer em que não falte... matarei saudades e conversaremos sobre literatura.

«Sua devéras afeiçãoada,

Jeanne Trépidant»

M. de Follembay sorriu: sim, iria almoçar com Madame Trépidant. Andava aborrecido... A ocasião parecia-lhe boa para travar mais amplo conhecimento com a formosa viúva.

Mas não era unicamente pelo prazer inocente do «flirt» que Madame Trépidant convidava M. de Follembay para almoçar. «Conversaremos sobre literatura», dizia o bilhete. E' que a viuvinha escrevera um conto que destinava ingenuamente a um grande diário da capital, e, logo que acabou o almoço, tratou de o ler a Follembay.

—Que tal acha? pergunta ao terminar.

Foi com uma pergunta que ele respondeu:

—Que pensaria a minha amiga de mim, de mim que nunca pintei nem desenhei em toda a vida, se eu me propuzesse agora fazer uma paisagem, um quadro de genero ou um retrato?

Madame Trépidant encolheu os ombros e retorquiu um pouco amuada:

—Não vejo nenhuma relação...

—Não vê? Já me explico. E' tão difícil traçar uma personagem em poucas linhas como em dois traços de carvão...

—Follembay sorriu e continuou:

—Permite que lhe fale um pouco de mim? Madame Trépidant teria preferido, sem duvida nenhuma, que se ocupassem unicamente d'ela, no entanto deu-se um ar complacente e fez um gesto de gracioso assentimento.

—Eu, prosseguiu ele, tinha apenas vinte anos quando comecei a escrever. Haviame-

servido de preparação profundos estudos classicos e muita gente me achava certa vocação para as letras... Todavia logo percebi que não tinha ainda direito para entrar nas fileiras dos verdadeiros escritores.

Interrompi a minha colaboração nos jornaes que me tinham patenteado as suas colunas. Durante dez anos, todos os dias me entreguei ao salutar exercicio da meditação, exerci aqui e ali o senso critico com que a Natureza me tinha dotado, observei, tomei notas, procurei o que no estilo constitue o segredo da harmonia, esforçando-me no entanto por conservar a minha individualidade, e, no dia em que retomei a pena, senti-me então preparado para a grande empreza...

—Reconhece-se bem n'isso, interrompeu ela, o espirito meticoloso que o meu amigo prova nas mais pequenas coisas e que, permita que lhe diga, não deixa de estragar um pouco as suas melhores aspirações... De resto, conheço muita gente que escreve bem e que não se deu a esse longo trabalho.

M. de Follembay não respondeu. Tomou o papel das mãos de Madame Trépidant e continuou:

—Para conseguirmos a originalidade, é preciso que tenhamos tempo de nos desembaraçar dos logares comuns espalhados por toda a parte e de que o nosso pobre cerebro está atravancado. A minha amiga, creia-me, ainda não teve ocasião para isso. Quer uma prova? Quer um exemplo? Ora repare no que escreveu: «Ele surpreendeu-os n'uma atitude que não deixava duvidas sobre a natureza das suas relações». Isto é estilo de «casos do dia». Quando se depara nos jornaes com noticias de sensação a respeito de maridos que matam as mulheres ou de mulheres que matam os maridos tem-se a certeza de sempre encontrar esta frase fatidica: E' um «cliché» para uso dos «reporters».

A minha amiga não quer ser um «reporter»

mas sim uma mulher de letras. Não tem pois o direio de empregar o «cliché» de que se serve o pobre diabo que rabisca á pressa as suas descrições no cubículo de um guarda-portão ou no banco de qualquer carro de transporte.

— Deve-se escrever como se fala, observou madame Trépidant.

— Grande erro! Quando fazemos falar as nossas personagens devemos dar-lhes a linguagem que lhes é propria. Mas se é por nossa conta que falamos, necessario se torna que o nosso modo de dizer seja retocado, polido, aperfeiçoado.

Madame Taépidant esperára uma aprovação sem reserva, e eis que M. de Follebray a criticava desassombradamente.

Além de revelar falta de gosto, não estava sendo nada gentil... A viuvinha sorria com um sorriso que traduzia bem o pouco agrado com que o escutava. Mas ele continuou:

— Quer fazer um conto? Não basta para isso saber colocar umas após outras frases retumbantes. E' preciso que escolha o assunto. Quando estiver bem senhora d'esse assunto, que não deve ser nem muito leve nem muito pesado, nem muito ousado nem muito inocente, nem muito banal nem muito precioso, é que deve então compôr a sua narração, proporcionando as diferentes partes de modo a formar um todo harmonioso que firmemente se equilibre. N'essas talvez duzentas linhas que me leu, as primeiras cincoenta são absolutamente inúteis...

— Mas parece-me que a narração precisa um pouco de... como direi?... de floreado. Não se póde chegar de repente ao assunto.

— Mas é preciso imediatamente despertar o interesse. O género de literatura que quer adoptar, minha amiga, não pode sofrer nenhuma imperfeição. O conto é o soneto da prosa. Não admite uma frase, uma palavra que não sejam necessarias. Se não se acha capaz de ser bastante concisa para escrever um conto, escreva antes um romance.

E' preciso que o conto consiga, por assim dizer, empolgar a atenção da pessoa que o lê durante os poucos minutos que gastará n'isso.

E' mister que durante esse tempo ela seja transportada para fóra do domínio das suas preocupações quotidianas. Não esqueça, minha amiga, que o seu leitor está obsecado pelas dificuldades sempre crescentes da vida actual, que a sua leitora, no decurso do dia, vae ver-se a braços com uma sogra hostil, com um marido mal humorado, com uma amiga pérfida, com uma creada insuportavel, com um fornecedor exigente. E' forçoso dar a esse leitor ou a essa leitora, a quem devemos um enorme reconhecimento por nos ler, o conforto que traz consigo o esquecimento de tudo, embora bem pouco duradouro seja esse esquecimento. Chegará a esse resultado pela força comica, pela verdade, pela imaginação, pela fantasia que tiver acumulado no seu trabalho... Mas para conseguir isso é preciso muito estudo e muito esforço.

Madame Trépidant estava farta d'aquella curso de literatura para uso de mundanas que se querem improvisar mulheres de letras.

— Está claro que d'esse modo não se encarrega de levar o meu conto ao director do «Maximus»...

M. de Follebray julgou ainda poder defender-se com outra pergunta:

— Mas ha tempos a minha amiga estava disposta a dedicar-se ao cinema? A sua beleza que classificava de «fotogénica»...

— As estrelas do «écran» são obrigadas a complacencias... com que não me conformo... Além d'isso, a minha vocação literaria... Mas não falemos mais em tal, meu bom amigo... O conto ha-de ser publicaco, pode ter a certeza... Dirigir-me-hei a outra pessoa menos exigente... Acredite, porém, que não lhe quero mal...

— Como lhe agradeço, querida amiga... Adeus.

— Adeus...

E enquanto se apertavam cordealmente as mãos os dois diziam para consigo:

— Que grosseirão!

— Que grande parva!

(De Jacques Césanne).



Colecção de Romances Ilustrados

“QUO VADIS?,”

O celebre romance de HENRY SIANKIEWICZ

PREÇO AVULSO, 1 ESCUDO

Acaba de ser publicado, achando-se á venda em todas as livrarias, tabacarias, etc., de Lisboa e Porto e em casa dos agentes de O SECULO, na provincia

Pedidos directos a Secção Editorial de O SECULO—Rua do Seculo, 43—LISBOA

Ilustração Portuguesa

2.^a SÉRIE

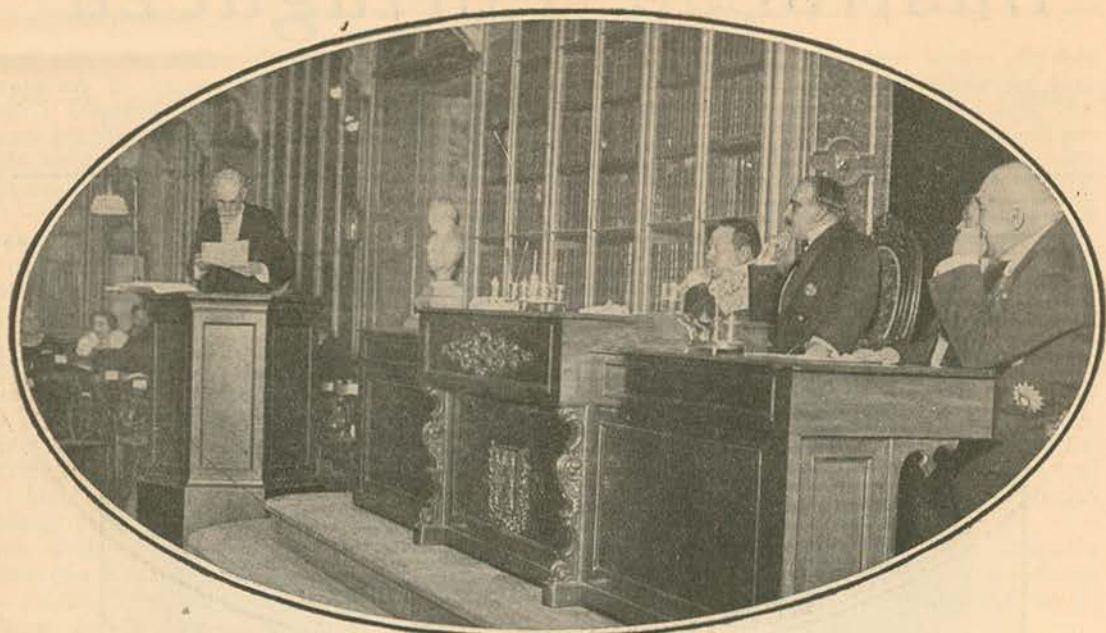
31 — MARÇO — 1923

N.º 893



A MENINA TEREZA QUEIROGA D'ALMEIDA, FILHA DO SR. DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA
(Magnífico retrato, a sanguínea, de Alves Coelho)

A festa dos matematicos na Academia de Sciencias



O sr. dr. Gomes Teixeira lendo a sua conferencia sobre o matematico José Monteiro da Rocha, na sessão especial de homenagem aos matematicos e áquele illustre academico, realisada no dia 25 do corrente, na Academia de Sciencias de Lisboa, sob a presidencia do sr. dr. Julio Dantas

Segundo aniversario da travessia aerea Lisboa-Madeira



Por iniciativa do Aero-club de Portugal realisou-se, no dia 24, no salão nobre da Liga Naval, uma sessão solemne comemorativa da passagem do 2.º aniversario da travessia aerea Lisboa-Madeira, que decorreu brilhantissima. Na nossa gravura vêem-se, da esquerda para a direita, os srs.: dr. Lucas Monteiro, capitão-tenente Fonseca, Ortins Bettencourt (o aviador que acompanhou Gago Coutinho na travessia), Sacadura Cabral, Gago Coutinho, ministro da Guerra, Adido militar Espanhol e tenente-coronel Duarte Veiga, presidente do Aero-Club

O almoço de homenagem ao jornalista e escritor Ribeiro de Carvalho



Promovido por um grupo de amigos, realizou-se, no dia 23, no Café Tavares, um almoço de homenagem a Ribeiro de Carvalho, ilustre director do jornal *República* e homem de letras de incontestável mérito, recentemente eleito membro da Academia de Sciencias. Presidiu á festa, que decorreu brilhantíssima, o sr. dr. Julio Dantas, assistido, entre muitas outras pessoas de desta que social, o sr. ministro dos Estrangeiros

Intercambio universitario luso-espanhol



Os professores e academicos sevilhanos que ha dias estiveram em Lisboa, quando da sua visita á cidade do Li-moeiro. Ao centro do grupo vê-se o director das cadeias civis, sr. coronel França, que os acompanhou durante essa visita

Santarem, a Bela e Donairoza...

VERSOS
E
CLICHÉS
DE

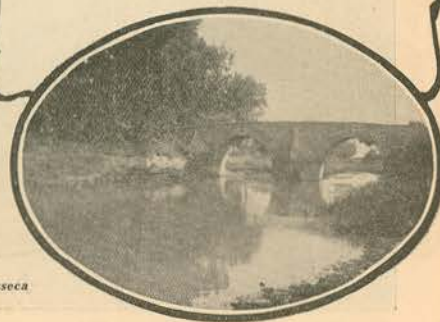
José Ozório



Ribeira de Santarém



Fonte das Figueiras



Ponte da Asseca

I

A mirar-se no Tejo, que murmura,
Como outr'ora da fabula Narcizo,
Tendo na face linda um bom sorriso
— O mais lindo sorriso de frescura. —

Na ditosa região da Extremadura
— Onde há tudo que é bom e que é preciso —
Onde os campos são como um paraizo
E o céu um doce sonho de ventura!

Debruçada na encosta alcantilada,
Refrescando o pé lindo, o pé de fada,
Na corrente que banha o sineiral,

Eis Santarem, a bela e donairoza,
A princeza do Tejo, a mais mimosa
Das cidades do nosso Portugal.

II

Poucas terras conheço em Portugal
Que tenham tão formosos horisontes;
Um azul mais alegre e triunfal
Do que o céu que se espêlha em tuas fontes!

Nos teus campos fecur dos, nos teus montes,
Há riqueza e aparência jovial;
Curvam-se de respeito as nossas fronte
Perante essa grandeza colossal!

Mas p'ra manter o velho poderio
Que tivêste, a teus filhos falta o brio,
O calor dos afectos e carinhos...

E vives do passado, um livro aberto,
Qual velhinho pedindo, descoberto,
Uma esmôla na curva dos caminhos!



A ponte de D. Luiz

Um barco no Tejo
Velha guarita

MALHEIRO DIAS DE PASSAGEM NO FUNCHAL



Assistencia ao almoço oferecido no Reid Hotel Palace, pelo Diário de Notícias, do Funchal, ao Ex.^{ma} Sr. Carlos Malheiro Dias, quando da passagem do ilustre escritor pela Madeira, em 19 de Fevereiro de 1923, no vapor inglês Arianza. — Sentados: Dr. João Augusto de Freitas, governador civil, Carlos Malheiro Dias, Francisco Conceição Rodrigues, director do Diário de Notícias, e coronel João Maria Ferraz, comandante militar. — De pé: Dr. Domingos Reis Costa, dr. Azevedo Ramos, Viriaco de Brito Nobrega, redactor principal, dr. João Ferreira, dr. E. Antonino Pestana e dr. Elmano Vitoria, chefe da redacção

A grande tragica francesa Sarah Bernhardt



Sarah Bernhardt em 1885, na plenitude da sua radiante formosura e do seu talento genial, segundo o retrato do grande pintor francez Bastian Lepage, retrato que é considerado como uma obra-prima deste malogrado artista. No medalhão, uma das ultimas fotografias da eminente tragica, falecida em Paris, com 78 anos de idade, no dia 26 do corrente

Os Funeraes de Rui Barbosa



1 — O Chefe da Esada visitando o corpo do grande brasileiro na capela ardente armada no edificio da Biblioteca Nacional, do Rio de Janeiro, para onde o mesmo corpo foi transferido de Petropolis, no dia 2 do corrente.

2 — A corça oferecida pelo Seculo dando entrada na Biblioteca Nacional.

3 — Rui Barbosa no leito mortuario, pouco antes de ser colocado na urna.

4 — Retiragem das corças da Biblioteca Nacional, no dia 5, por occasião do funeral.

5 — A multidão vendo passar o cortejo fúnebre na Praia Formosa.

6 — Colocação da urna no coche, na Praia Formosa.

7 — A multidão que acompanhava o feretro, junto ao Cemiterio de S. João Batista, onde Rui Barbosa foi depositado até que se realizasse a sua transladação para a Bahia, terra da naturalidade do illustre morto.



Teatro a Bordo

No dia 2º do corrente seguiu viagem para o Brasil, a bordo do paquete francez *Lutetia*, a companhia do actor Chaby Pinheiro, que vai trabalhar no Palacio Teatro do Rio de Janeiro, por conta da empresa Jos. Loureiro. A bordo do referido paquete acaba de ser instalado um pequeno teatro em que, durante a travessia do Atlantico, representará um grupo d'artistas do Teatro Antoine, de Paris, grupo este que realiso, no nosso porto, enquanto o navio esteve aqui ancorado, uma interessante *matinée*, na qual tam: em tomaram parte os artistas portuguezes Cremilda d'Oliveira e Chaby.



Os artistas francezes Mademoiselle Lucette Jacquin e Mr. Henry Bruneaux representando, no pequeno palco de bordo, uma das scenas da comedia em 1 acto de Theodore de Banville *Le Balser*

Os srs. ministro e consules da França, o comandante do *Lutetia* e os agentes da Companhia de Navegação Sud-Atlantique



Chaby Pinheiro e Jesuina de Chaby, com os agentes da Sud-Atlantique, pouco antes do *Lutetia* levantar ferro

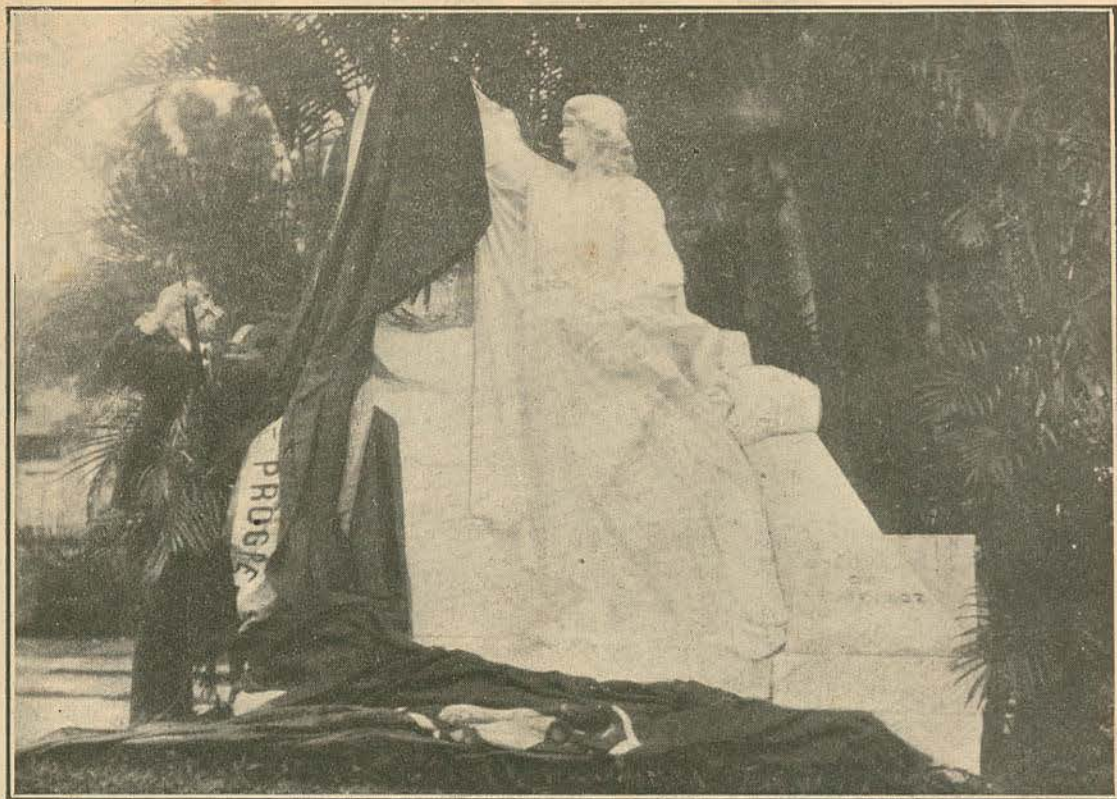
Os artis'as que cons'tituem a companhia dramatica do *Lutetia* (da esquerda para a direita): Jane Gabel, River Delacroix (director) e Lucette Jacquin (sentados); Louis Brézé, Henry Bruneaux e Charles Rigault (de pé)



(Clichés Salgado.)

Monumento a Eça de Queiroz no Rio de Janeiro

A CEREMONIA DA SUA INAUGURAÇÃO, EM 25 DO MEZ FINDO



O sr. Embaixador de Portugal descerrando o monumento, erecto na Avenida Santos Dumont, que se achava coberto pela bandeira brasileira



O grande escritor brasileiro Coelho Neto, orador oficial da cerimonia, fazendo o elogio de Eça de Queiroz, por ocasião da inauguração. Entre a assistencia veem-se o consul de Portugal, os srs. visconde de Moraes e Felinto d'Almeida, etc.

(Clichés Brandão de A Pátria, do Rio de Janeiro.)

"Estrelas" e "Azes" do Cinema



Norma Talmadge, a graciosa estrela de Alem-Atlantico, que conta os triunfos pelas películas que filma.

Os ultimos jornais americanos relatam o casamento, ha pouco realiado, do conhecido comico Harold Lloyd com a sua companheira de trabalho Mildred Davis.

— Os tres ultimos exitos da Paramount na capital francesa foram: «L'homme marqué», em que William S. Hart desempenha dois papeis. Este «film» é considerado um dos melhores trabalhos do apreciado artista; «Une idée diabolique», superiormente interpretada por Bryant Washburn; «L'heure suprême», película de aventuras interpretada pela excelente artista Gloria Swanson.



Charlie e Jackie Coogan jogando a Tom Wilson, que os vigia em de perto



A grande artista cinematografica Rita Sjö-chto numa das películas produzidas pela casa Nordisk-Films

FIGURAS & FACTOS

D. Julieta Ferrão

Deligente conservadora do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, que realizou, no dia 21, na sede da Associação dos Lojistas, uma interessante conferência sobre a vida e a obra do grande mestre da cerâmica e da caricatura, comemorativa do aniversário do seu nascimento.



Partida, no dia 24, para o norte do país, onde foi organizar várias feiras, do orfeon e grupo desportivo do Colégio Militar, em número de 200 alunos.



Algumas das crianças protegidas pelas instituições de beneficência de Lisboa, que tomaram parte na festa de homenagem ao governador civil do distrito, sr. Viriato Lobo, realizada no dia 25, no teatro de S. Carlos, e promovida pelas direcções das referidas instituições, em agradecimento pela protecção que aquela autoridade lhes tem dispensado.



D. Luiz Aldunate
Novo ministro do Chile, chegado a Lisboa no dia 23 com o adido militar e secretário da legação.



José d'Azevedo Castelo Branco
Antigo ministro dos Estrangeiros e figura de destaque político no tempo da monarquia, falecido no dia 23.



Lourenço Varela Cid
Pianista ilustre, que acaba de tomar parte num concerto com a Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Os professores e alunos da Escola Officina n.º 1 visitando, no dia 22 do corrente, as oficinas e outras dependências do O Seculo e da Illustração Portuguesa.



Raul Brandão
Teixeira de Pascoaes
Augusto Gil

Os novos académicos, que deverão ser eleitos, na sessão de 12 d'abril da Academia de Sciencias de Lisboa.

A assistência à sessão de homenagem ao actor brasileiro Leopoldo Froes, realizada, no dia 22 do corrente, na sede da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro. Na primeira linha vê-se o homenageado, tendo à direita o actor Brásio e, à esquerda, o actor José Ricardo.

Grupo das pessoas que tomaram parte na festa da Mi-Carême, realizada recentemente no Campo de Club, a qual decorreu muito animada, tendo tomado parte nela a Tuna da Cantina Escolar de S. Mamede. Ao centro da gravura vê-se a Rainha da Festa, cercada pela sua corte.



O Estrangeiro em foco



Lady Carnavon

Esposa do Ilustre egíptologo, tendo tido notícia de que seu marido se achava gravemente enfermo, imediatamente fretou um avião no qual partiu de Londres, com um medico, com destino ao Egipto



O monumento a Santos Dumont, em Saint Cloud (França), do qual uma reprodução vae ser cloocada sobre o jazigo de familia do Ilustre avlador brasileiro, no cemiterio de S. João Batista, do Rio de Janeiro. A referida reprodução acha-se actualmente exposta no Pavilhão de Honra da França, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro

Henri Julliot

Celebre engenheiro creador dos primeiros dirigíveis de guerra francezes, falecido no dia 20 do corrente em Nova York



Aqueles
a
quem
Lenine
desejaria
legar
o
poder



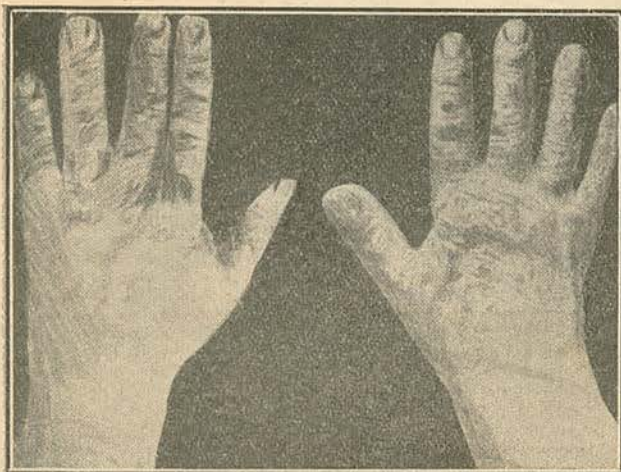
Kameneff

Rykoff

Zurupa

Boukharine

Apenas são todos partidarios da nova politica economica e terão que lutar contra a intransigencia dos «puros»



Os martires da radiografia

Estado em que se encontravam as mãos do medico francez dr. A. Soret, apoz 18 anos de pratica radiografica e antes da operação da mão esquerda que sofreu em 1914. Deu, ha pouco, entrada no hospital para lhe ser amputada uma parte da mão direita



Rhenan Smeets

O jornalista separatista alemão victima, ha dias, de um atentado a tiro, que o deixou em estado gravissimo



Grijó



Aura Abranches



Alexandre d'Azevedo



Adelina Abranches



Sacramento

"O PASSADO,"—"AS PRAGAS,"—"O HOMEM DA CADEIRINHA," —"O GRANDE AMOR,"

DIZIA-NOS ha tempos um dos nossos primeiros escritores teatraes, a proposito da *Soror Mariana*: — Escrever o 1.º ato duma peça é facil; escrever uma peça num ato é muito difficil.

Apezar dessa difficuldade, Francisco Lage fêz *As pragas* e Bento Mantua *O passado*, que subiram á scena, respectivamente, no Politeama e no Nacional, ambas com agrado.

O Passado, que bem podia ter-se chamado *Tal está o da rabeça*, é duma estranha concepção: um desgraçado está cumprindo pena, porque matou, e quando o tempo e o isolamento lhe teem feito esquecer o *passado*, eis que uns inesperados musicos começam a tocar trechos sentimentais nos corredores da prisão e um rabequista, o carcereiro e mais duas pessoas de sobrecasaca entram pela cela e pretendem convence-lo de que a musica produz beneficio effeito na alma dos condenados.

O infeliz revolta-se, manda as theorias e o homem do Instrumento ao diabo e queda-se em desespero, porque as semi-fusas o despertam da paz em que vvia.

Tem Bento Mantua carradas de razão e não a tem menos o reu, mas como não consta que nenhum sol-dado tenha percorrido ou tencione percorrer as prisões, resta apenas uma hipotese, que não valla a pena teatralizar. Nêsse campo, o autor poderia fantasiar indelidamente—levando ás penitenciarias, em vez de musicos, feras domesticadas, gínastas, cavallinhos, cinematografos ou qualquer outra diversão para os reclusos. Todos sabem que uns as recebem com alegria e outros com aborrecimento. E se considerarmos o lado teatral, propriamente ditto, a nossa preferencia é, francamente, pelos cavallinhos.

Em Pico de Regalados vive, ha anos, uma gente muito infeliz: um velho, que cegou porque lhe rogaram uma praga, e um valdevinos a quem matam, porque a mulher lhe roga outra. Na mesma casa ha mais um grilo, um galo e duas mulheres, mas d'essas personagens só o galo tem verd deira importancia, porque canta fóra de horas, o que manifestamente significa mau agouro.

Tal é a peça *As pragas*, s'gundo nos pareceu — e só isso nos pareceu, decerto por terem falado as anunciadas palavras preliminares do autor. Ele ter-nos-la ditto o mais que ha na sua obra e que não conseguimos enxergar, por falta de vista, nanja por falta de engenho e Francisco Lage.

Não mais de 48 horas esteve fechado o teatro Avenida: Chaby e os seus a saírem, Ad. lina Abranches a entrar, também com os seus, Aura, Antonia e Fernanda de Sousa, Alexandre de Azevedo, Grijó, Sacramento... Só o contentamento da plateia quando Adelina e Azevedo reapareceram e a tristeza quando se soube que a Aura estava anemica! E perguntava se:

— Estarão gastos e fatigados? A peça escolhida para estrela será feliz?

A resposta não se fêz esperar. Desenrolaram-se as primeiras scenas do *Homem da cadeirinha*, cuja autoria os programas attribuem a Luiz Palmeirim, por evidente esquecimento, visto que a peça é argentina, embora o tradutor occulte o nome do autor, por motivos misteriosos, e o publico ficou sabendo que nenhum daqueles artistas se encontra enfraquecido de corpo ou de espirito, e que a peça é um disparate com alguma graça.

Imagine o leitor uma familia atacada de estupidez maxima, com um chefe que se julga ás portas da morte porque o medico o acha pallido, e com os restantes parentes assaz idiotas — entre eles, o referido medico — para não perceberem a ausencia duma doença tão grosselramente fingida, que na vida real uma criança de mama daria pelo fingimento; imagine mais um inglês, que fala portuguez estropeado como se tivesse nascido e vivido sempre em Portugal e conhecesse tanto o inglês como nós conhecemos o tagalo; imagine também uma menina de tão boa educação, que se embebeda e faz scenas d'amor na sala conligua áquella onde está o pai doído — e terá o *Homem da cadeirinha*, condmentado segundo o palada da plateia onde a peça se representa, com o e peras, o papo seco e outras gracinhas il-boeias, porque está sendo representada em Lisboa.

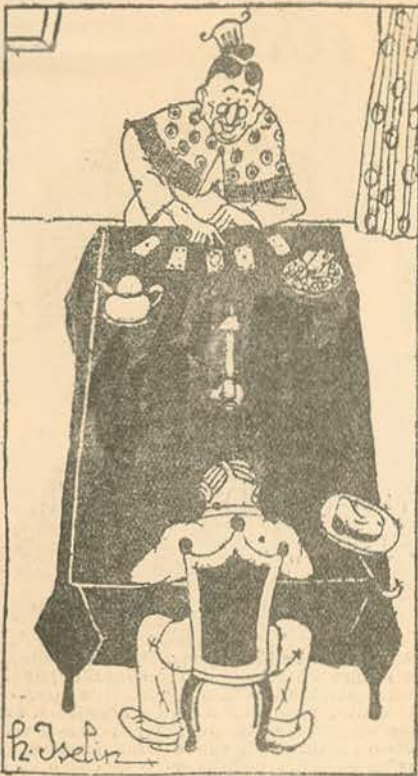
Gosta? Se gosta, dir-lhe hemos que pelo desempenho não perde, antes a farça se valorisa com a intervenção de Ad. lina, numa sogra que nem de barro a cem quilometros da nossa porta, com a Fernandinha de Sousa a pedir uma saralvada de beljos quando a apachessemos adormecida pelo *champagne*, com Alexandre Azevedo, tão á vontade e insinuante, que vem mete um chinelo todos os outros *galans*, e ainda com outras pessoas categorisadas, entre as quais nos aprez apontar ás más bocas das primeiras representações o actor Oscar Soares, para que o tratem benevolmente.

Escritas estas linhas, acentuamos o grande exito de Aura Abranches no nosso conhecido *O grande amor*, pedindo licença para não acreditarmos na tal nemia. Quem representa assim tem no sangue o maximo dos globulos rubros, necessarios para a irrigação dum sistema nervoso dum raro equilibrio.

... E tendo deste modo passado cronologicamente em revista os acontecimentos teatraes da semana, vamos descançar oito dias, afastando-nos para onde não cheguem os ecos das maldições dos que não teem na devida conta os nossos salutareos comentarios.

MARIO COSTA.

SEARA ALHEIA



—Cinco de outros... casará com uma senhora rica, com casa própria, inteligente, económica e discreta...
—E quando encontrarei, eu, essa *avis rara*?
—... no 1.º de abril...

(De L'Intransigeant.)



—Mãã! Quanto é que me dás para eu sair d'aquí?!

(De London Opinion.)



—Tem troco d'um franco?
—Se tivesse, não estava aqui, minha senhora...
—Onde estaria, então?...
—Ali defronte...

(De Le Rire.)



PAPEIS PINTADOS

—Este, com esta paisagem tão bonita, custa-lhe apenas 6.000 marcos. Menos do que lhe custaria, aqui há oito anos, uma casa de campo como esta que aqui está... pintada!

(De Lustige-Blatter.)



—Cuidado, não me dê por aí algum lenho!...
—Não há perigo. A navalha não corta...

(De Le Petit Journal.)



—Schus! Não façam barulho! Está a ocupar o Ruhrl...

(De L'Excelsior.)

Ha Muitos Anos...

A primeira representação da "Dona Branca"

AINDA a proposito do justificado preito prestado, ha pouco, á memoria do grande maestro e eminente artista portuguez que foi Alfredo Keil, nos ocorre recordar que, em 10 do corrente mez, faz 35 anos que subiu á scena, no Teatro de S. Carlos, a sua opera *Dona Branca*.

Cantada, entre outros artistas de renome, por Theodorini, Antonio e Francisco de Andrade, Figueira, Frandi, Meroles, etc., e ensaiada pelo maestro Mancinelli, obteve, essa representação, foros de um verdadeiro acontecimento, constituiu o que se chama um exito verdadeiramente triumphal.

Como se sabe, a *Dona Branca* foi o primeiro trabalho musical, de grande vulto, de Alfredo Keil, trabalho que desde logo o consagrou como compositor de indiscutivel merito. Além do valor da partitura, e do desempenho magnifico que teve, é de registar que muito concorreram para o agrado que a peça alcançou a riqueza da sua *mise-en-scène* e dos esplendidos scenarios pintados pelo celebre scenografo Luigi Manini.



Alfredo Keil aos 35 anos, quando se representou a *Dona Branca*



A scena de entrada de *Dona Branca*, no 1.º acto da opera

(Desenho de J. R. Cristino — *O Occidente*, n.º 333 — 21 de abril de 1889)



que mais nos prejudicam, para melhor os podermos disfarçar com o auxílio dos mil e um artifícios que a arte da «toilette» põe ao nosso dispor para esse efeito.

E como a moda vigente é caracterizada por um ecletismo favorável a todos os vãos da fantasia, nunca, como no momento que passa, foi fácil à mulher corrigir as suas deficiências plásticas e pincelar o seu todo com uma «patine» de beleza obtida por meio da combinação inteligente

das noções básicas da moda com a ideia solucionadora do necessário para o «effacement» dos seus defeitos físicos. E o caso é que a despeito da «silhouette dernier cri» ser a de linhas esguias e flexíveis, as figurinhas um tanto «potelees» tão vulgares no nosso paiz, conseguem adaptar-se à moda vigente com uma felicidade que



SER bela, atrair com aplausos admirativos o preto devido a toda a verdadeira beleza, é, sem contestação, a ambição mais cara do eterno feminino.

Infelizmente só a uma reduzida minoria é dado colher, com justiça, tão cubicado bem... São tão raras, neste marulhar imenso da humanidade, as belezas impecáveis!

Mas se nem todas as mulheres podem orgulhar-se de possuírem formosuras académicas, a todas é dado corrigir as deficiências e os desleixos da Natureza por meio da complexa mas providencial arte da «toilette».

Quantas mulheres que não são credoras da beleza conseguem apresentar um todo atraente, simpático, impressionante, mesmo, só porque sabem habilmente procurar para o seu tipo o género de vestuário, o corte, a côr, as guarnições, o penteado, que melhor o fazem valer!

A questão, pois, pelo que respeita a todas essas para quem a beleza foi pouco prodígia na distribuição de predados de formosura, — é saber estudar com verdadeira justiça e iniludível imparcialidade o tipo de beleza que se possui, sem pretender relevar ou ocultar aos próprios olhos os defeitos físicos

Pageina Elegante

masma porque nos obriga a perguntar: Mas como conseguem as mulheres parecerem magras sem o serem?

Segredos da moda, — que os profanos baldadamente buscarão profundar, mas o que é certo é que as «fausse maigres» ahi percorrem as ruas da Baixa gentis e graciosas, a lembrarem «silhouettes» parisienses prepassan-

do, ligeiras e estilizadas, sob este magnifico céu de Portugal.

Foi preciso que esse «embompoint» de que as nossas avós tanto se orgulhavam desaparecesse...

E desapareceu como que por encanto, para que as gentis portuguesas podessem vestir afoitamente modelos como os que hoje oferecemos ao seu julgamento e que os potentados da grande moda como Drecoli, Genny, Jean Patou e outros nomes retum-



bantes no mundo da alta elegancia nos enviam para prova de que a sua inventiva não cristalisa. «Et c'est pas vraie qu'ils sont gentis, ces cinq petits modèles?»

Agarena de LEÃO



**AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS**



**ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.**

SONETOS DE AMOR, por Fausto Guedes Teixeira

Tem um nome consagrado Fausto Guedes Teixeira. É um poeta de raça. Os sonetos agora impressos, se não aumentam a sua gloria, demonstram, contudo, que ele conserva, em toda a plenitude, o domínio da arte e mantém acesa a chama do sentimento que, ao lê-lo, nos faz vibrar de íntima e irreprimível comocão. Que espontaneidade a de Fausto Guedes Teixeira! Nestes versos nada há que não possua a limpidez, a eufonia e a elevação lírica de que apenas tem o segredo os artistas da sua envergadura. Nenhum artifício, nenhuma extravagância, nenhum exibicionismo, dos que tão frequentemente se deparam em falsos poetas que para aí enxameiam. Fausto Guedes Teixeira canta o amor não com o cérebro apenas, mas com o coração principalmente. Não de por isso entendê-lo e amá-lo quantos se deliciarem com os seus sonetos, tão humanos, tão sinceros e tão formosos como os que mais o sejam.

CARAS PINTADAS, por Mercedes Blasco

A que foi uma das mais formosas, discutidas e apreciadas actrizes de opereta, cultivando simultaneamente o teatro e a literatura ligeira, embora de ha muito afastada da scena, pois aguarda o instante de reaparecer como societaria do Nacional, não se encontra nunca



Mercedes Blasco

inactiva. Poetisa e prosadora, os seus livros sucedem-se e acaba de trazer a lume o que se intitula *Caras pintadas* Mercedes Balco, sempre com o coração nas mãos, vae dizendo nestes capitulos rapidos o que pensa de si propria e dos outros. Presta homenagem aos comediantes mortos e vivos da sua sympathia, refere impressões de hontem e hoje, defende theorias e faz definições, conta-nos do amor nos palcos e das vantagens da esturdia, e tudo isto num estilo elegante e despretencioso de quem conversa entre amigos. Nas *Caras pintadas* não ha escandalos, nem indiscrições, nem perversidades, comquanto se atribua, injustamente, a Mercedes Blasco um talento especial e uma facil coragem em reduzi-los a escrita. Este livro, no entanto, ha de despertar interesse no mundo theatral, desmentindo, pela ternura que encerra, erroneos conceitos acerca dos intuitos que guiam a pena da autora, que é uma cronista leve e graciosa, sem embargo daquela dose de egotismo, que poderá transparecer de algumas das suas paginas, e de que tão bem nos falou Jules Claretie nos *Proffis de théâtre*. A edição pertence á livraria Portugal.

VOZ DA CONSCIENCIA — Com a mão na dita, este seu conto, além de versar assunto demasiadamente delicado na época revolucionaria que atravessamos, nem sequer literariamente se recomenda. Logo nas primeiras linhas «noite semi-chuvosa», coisa que não sabemos o que seja, e um relógio a bater 22 horas, coisa que nunca ouvimos a relógio algum. Para lhe dizer isto tinha-mos achado preferível não lhe dizer nada. Mas, visto que insiste...

J. d'A. — O seu Crepusculo é muito mau. Nesta data mergulha na escuridão definitiva.

JOSÉ — O seu soneto, As tuas violetas, é anêmico. Dê tons a musa.

S. A. — Os seus dois primeiros Cantares tem dois versos errados, a saber: Las morenas de Portugal e La «monina» que me sonrie. Para cá do Guadiana somos muito exigentes nestas coisas. Os nossos agradecimentos pelos saludos.

POSSO CONTINUAR? — Está visto que pode e deve. Tem ainda defeitos (e quem os não tem?) mas é poeta. Entre as elisões forçadas (flecidade, «cada...») as chamadas «unhas, em calão de poetas, os logares comuns (puro e sa resanto, lodacal do vicio...) os versos sem cadencia (Sem se lembrar do seu negro futuro), e o mais que o tempo e a reflexão hão de indicar-lhe. Como já trabalha bem a redondilha, o resto virá, com certeza.

A QUESTÃO DO PETROLEO, por Armando Luiz Rodrigues

Com o título *A questão do petroleo: um problema mundial*, trouxe a lume o sr. Armando Rodrigues um curioso estudo de politica economica em que se confirmam as altas faculdades da sua intelligencia, a sua cultura e o interesse com que versa assuntos de capital importancia a, como sejam os de caracter economico e financeiro. A questão do petroleo acha-se hoje na ordem do dia. No velho e no novo mundo ella prende as atenções, e a nós proprios não pode passar despercebida por variados motivos entre os quaes o de possuilmos, quer na metropole quer nas colonias, jazigos petroliferos, como refere o autor. O illustre professor e publicista sr. Bento Carqueja, num breve prefacio, põe em relevo o merito do trabalho do sr. Armando Rodrigues, a cujas aptidões e conhecimentos rende a merecida homenagem. *A questão do petroleo* foi editada pela livraria Rodrigues, da rua do Ouro, e fica occupando um notavel logar na nossa reduzida bibliographia da especialidade, isto é na collecção dos trabalhos de natureza economica publicados em Portugal.



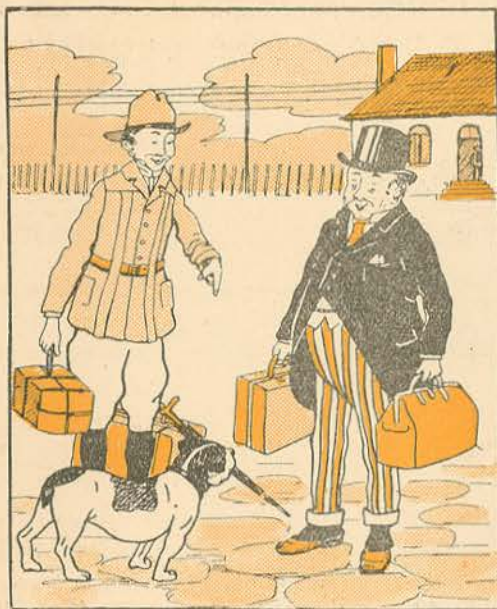
Armando Luiz Rodrigues

A. de A.

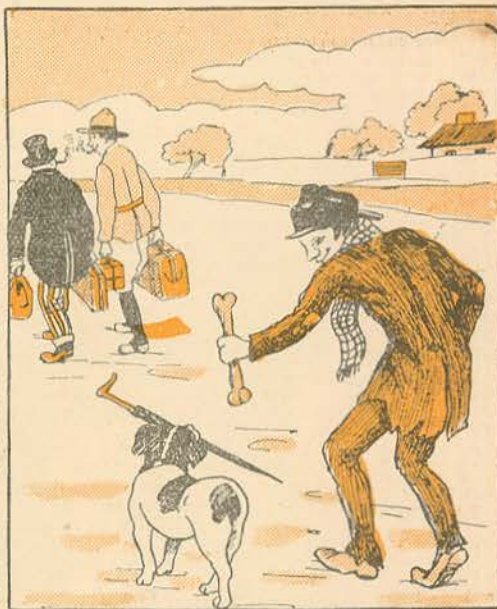


PAGINA INFANTIL

UMA TRAIÇÃO INOCENTE



ORA AINDA BEM QUE TEMOS QUEM NOS LEVE O GUARDA-CHUVA !



TROCAR UM CHAPEU DE CHUVA POR UM ESPLENDIDO OSSO



..ESTÁ CLARO QUE É UM BOM NEGOCIO PARA UM CÃO



..MAS É BEM CERTO QUE O QUE PRES- TA PARA UNS É PESSIMO PARA OUTROS



ESFINGIA



Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Charada em verso: Ave-Maria.
Enigma: Costa.
Enigma pitoresco: Salvé Lucia Lima, a rainha do perfume e do edipismo.
Charada em frase: Destino—Dorico—Amorosa—Corsario.
Logogrifo: Entre supremo e creador do universo.

ENIGMA

Enigma sem pretensões,
Tem pouco que matutar,
Não precisa dictionarios,
P'ra toda a gente o matar...

E' um meio de transporte,
De tres silabas formado,
Uma consoante ao meio,
Esta com vogaes ao lado

Consoantes, são só duas,
Bem diversas, desiguais;
Uma vogal isolada,
E duas d'estas, eguaes.

A primeira, mais a quinta,
Ficam aquém da verdade...
A segunda, tercia e quarta,
Dá-nos tempo, era ou idade.

Nada mais, já disse tudo,
Por pouco, dava-o a morte...
Mais uma vez vou dizer,
E' um meio de transporte.

S. Palo

CHARADAS EM VERSO

Ninho amado e sem rival,
Tu nunca temes a morte,
E's grande, sublime e forte—2
O' meu velho Portugal!

Basta o mar que tu vencestes,
N'esse tempo já passado,
P'ra que o mundo deslumbrado
Se curve ante o que fizeste.

E's das nações com fulgôr—1
Mas, oh! roubaste-me um entel
E eu choro tristemente,
Por meu pai louco de dôr.

Sá-me do intimo, um brado,
Que meu peito há muito encerra:
Trucidada seja a guerra,
Que faz tanto desgraçado!

Dr. Sinal

Não é animal,
Não é mineral,
Mas, é com corteza
vegetal.—2

Muito proferido,
E bem conhecido
Nome proprio d'homem
e apellido—1

Não é animal,
Não é mineral,
Com corteza é planta
vegetal.

Mis Flux

O' terra, minha terra encantadora,
Terra de sonho, terra de alegria!
Sítio aprazível de frescor suave,
Terra de tão doce melancolia...

O' terra da orvalhada e bela rosa,
Das violetas, dos cravos perfumados!—2
Que paisagens soberbas! Que riquezas!
Oh que formosos, verdejantes prados!

A viração, subtil e perfumada;
O sol, bendito; a claridade, pura;
As montanhas douradas e falscantes,
Os caminhos bordados de verdura...

Terra natal, meu berço de inocente,
Terra de amor
E de frescor,

Terra de alegria permanente!
Que formosura
E que doçura

E que basta verdura,—1
Lá na mata frondosa,
Da minha querida terra, tão formosa!
Josolicos

Se quatro é numero par,
E tambem é unidade,
Eu gostava de saber,
De quatro qual a metade?—1

Junte nota musical—1
E, bem longe do que pensa,
Encontra perto o que quer,
E com pouca differença...

Zepêdro

ENIGMA PITORESCO



QUADRO DE HONRA

A. Mendonça—F. Valefa—Lu-
cia Lima—sargento cronico-
C. Sillet—Castor & Polux—Baal
—Plutão—Vulcano—Do 16—Tia
Ald na—Josolicos—Braz—Por-
tuense—Do 14—Sant'Ana—V. T.
—Dama ocu ta—Teobaldo—
Ferraõ, Ferraz & Ferreira—Club
do Silencio—Os tres . . . T. T.—
Ald. Gomes—Pinta—renas Ti-
duj—Claro & Moreno—Violeta
—Pau

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero.

CHARADAS EM FRASE

(A' illustre charadista D. Adelfina Marques)

Com um simples tempero, um espinho e
uma nota, faz-se uma planta—1—2—1.

Tatarana

Conheço um homem que grita como
um gato, só para arrelhar a mulher—
2—2

Vizeu

Sets e meio

Tenho compaixão d'esta honrada e
nobre terra—2—2.

Anupim

LOGOGRIFO

(Sobre o soneto «Ventura...» de João
de Deus)

O sol na marcha luminosa vóa—15—18
—11—7—3
lançando á terra majestoso olhar—19—
3—11—3
passa cantando quem o ar povoa—5—10
—2
e a praia abraça venturoso o mar—11
—18—5—4—6

No bosque o doce e meigo canto entoa,
—2—6—5—16
ouvem-se em coro as multidões cantar:
—4—10—13—14—5—16—4
que a um só triste o coração lhe doa—
8—3—11—1—5—16—4—12—3.
que eu seja o unico a sofrer, pensar!
5—3—11—18—4—6—4

Por ti, saudade... de quem vae tão per-
to—5—16—2
e a quem dos olhos e das mãos perdi
neste tão ermo, lugubre deserto!

Por ti, ventura... que uma vez senti:
—9—10—11—7—13—7—17—6—17—10
por ti que ás vezes a meu peito aperto
e... o peito aberto sem te ver a ti!

Baaj (do Zphingis Club)

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na *Illustração Portuguesa* as decifra-
ções das produções inseridas n'este nu-
mero.

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Secrê-
tario* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
ctas, entregues até cinco dias após a sa-
da d'este numero, ás 16 horas, na su-
cursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escri-
tas em separado, e os enigmas pitores-
cos bem desenhados em papel lizo e tin-
ta da China.

—Os originaes quer sejam ou não pu-
blicados, não se restituem.